PUBLICAÇÕES DO NÚCLEO DE PESQUISA DO MUSEU AFRO BRASIL

Este documento compõe parte de um levantamento de textos, publicações, pesquisas e um variado conjunto de materiais textuais produzidos pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil. Atuante desde 2007 e integrado por diferentes pesquisadores, o núcleo de pesquisa dedica-se a investigar temas relacionados ao acervo do Museu, bem como estende suas atividades aos demais núcleos de atuação no interior da instituição.

POR FAVOR, tenha em consideração que este texto pode ter sido utilizado para fins específicos no interior da instituição, isto é, dentro de contextos pontuais da dinâmica museológica. De qualquer modo, sua publicação almeja contribuir para o acesso por pesquisadores e estudantes a temáticas e campos ainda pouco explorados.

Como citar esse texto:

GUALBERTO, Tiago. Ana das Carrancas, a Dama do Barro. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2017. Disponível em: [<CITAR FONTE ONLINE>]. Acesso: [CITAR DATA]

Ana das Carrancas, a Dama do Barro

Resumo: Este texto busca apresentar algumas informações sobre a trajetória profissional de Ana das Carrancas, conhecida ceramista pernambucana. Além de dados biográficos, busca-se articular sua produção artística a um campo de efervescência da arte popular no Brasil, em especial na região Nordeste. Comentários sobre este contexto social e sobre algumas características das peças de cerâmica da artista também são apresentados.

Palavras-chave: Ana das Carrancas, Cerâmica, Arte Popular, Carranca

"Meu sangue é negro, mas minha alma é de barro."

Ana das Carrancas - (Santa Filomena/PE, 1923- Petrolina/PE, 2008)

Escultora, ceramista e louceira, Ana Leopoldina Santos, conhecida como Ana das Carrancas, foi detentora de uma das mais destacadas trajetórias artísticas do sertão pernambucano. Ao longo de mais de cinquenta anos, suas carrancas elaboradas com o barro extraído das margens do Rio São Francisco, na cidade de Petrolina, lhe trouxeram sustento, trabalho e reconhecimento.

Ana das Carrancas nasceu no ano de 1923, em um povoado no distrito de Ouricuri, divisa de Pernambuco com o estado do Piauí. Durante a infância aprendeu o ofício de moldar o barro e vender

louças utilitárias com a mãe, Maria Leopoldina dos Santos. A produção de caqueiro, um vaso simples para plantas, auxiliava a renda familiar, assim como a produção de potes, moringas, panelas e também brinquedos, como as panelinhas de guisado, boi zebu, cavalinho com vaqueiro, santinho de lapinha, comuns entre os artesões do interior do sertão.

Seu pai, o agricultor Joaquim Inácio de Lima migrou com a família para o município de Picos no ano de 1932, localizado no estado do Piauí, onde Ana, aos 22 anos, casou-se com o pedreiro Luiz Frutoso da Silva. Deste casamento nasceram as filhas Maria da Cruz, hoje também ceramista e Ana Maria, esposa do escultor de carrancas em madeira, Domingos da Trindade Lopes, conhecido por Lopes de Petrolina. Luiz Frutoso, marido de Ana, faleceu logo após o nascimento das filhas. Depois de um período como viúva, Ana casou-se com o cantor de feira piauiense, José Vicente de Barros com quem teria a terceira filha, Ângela Aparecida de Lima. Esta, ao lado de Maria Cruz perpetuam atualmente a tradição familiar de modelar as carrancas.

Contudo, a vida em Picos, no sertão de Araripe, com seus longos períodos de seca e a falta de oferta de trabalho intensificaram o quadro de pobreza da família. Diante do pouco recurso obtido com a venda das cerâmicas e a pequena renda que José Vicente obtinha devido a sua deficiência visual criou-se um cenário agravante de miséria. Em busca de melhores oportunidades de comercialização das peças, a família decidiu migrar para Petrolina no ano de 1954, um dos maiores centros urbanos da região, município à margem do Rio São Francisco, próximo a Juazeiro.

Nos primeiros anos de moradia em Petrolina, 'Ana Louceira' ou 'Ana do Cego' ainda não se tornara Ana das Carrancas, mas já era uma tradição popular ver na proa das embarcações que navegavam pelo Velho Chico esculturas em madeira, figuras zoomorfas e antropomórficas. Dentre elas as mais conhecidas e respeitadas eram as carrancas de Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany (1882-1985). As primeiras carrancas deste Mestre datam de 1905. Além de figuras bastante realistas como cabeças de leões e cavalos, Guarany realizou peças de característicos "traços grotescos", como destaca o curador da maior mostra já dedicada ao tema: A *viagem das carrancas* (2015), Lorenzo Mammì. Bocarras cheias de dentes, cabeleiras imponentes e um olhar agressivo compunham, para alguns funções espirituais, para outros, a função de identificação das embarcações que navegavam pelo Rio São Francisco. Mas foi entre as décadas de 1950 e 1960 que as peças de Guarany ganharam maior atenção de colecionadores e estudiosos, em especial após a publicação de imagens registradas pelo fotógrafo francês Marcel Gautherot (1910-1996) em diversas revistas como em O Cruzeiro (1947), Sombra (1951), Módulo (1955) e no livro *Brèsil* (1950).

No início da década de 1960, ao buscar a matéria prima para suas peças às margens do Velho Chico, Ana criou sua primeira "gangula", uma pequena embarcação em cerâmica, semelhante a um vaso de médio porte acompanhada de uma carranca em sua proa. "Pensei: nesse barco viaja um velho com um menino pra vender jerimum. Botei um velhinho dentro com os jerimuns, uns bolinhos de barro para fingir que era jerimum; e o menino. E fiz a cobertinha de barro, pensando que era palha, e a carranca na frente. Deu sorte" (Ana das Carrancas, 1977). Suas vendas aumentaram, embora suas carrancas, segundo Ana sempre relatasse, fossem recebidas com estranhamento pela comunidade participante das feiras de Petrolina.

No ano de 1963, a efervescência da atenção dedicada à arte popular por pesquisadores, colecionadores e intelectuais trouxe ao sertão os técnicos em turismo Olímpio Bonald Neto e Francisco Bandeira de Melo a serviço da Fundarpe – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Impressionados com o trabalho de Ana, os técnicos sugerem que durante a inauguração da Biblioteca Municipal de Petrolina, distribuam-se pequenas "gangulas", miniaturas das pequenas embarcações de cerâmica de Ana, como um típico souvenir. É neste período que nascem as primeiras carrancas. Com o sucesso surgiram convites para expor em outras feiras em diferentes estados. Em especial na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenneart), a maior feira de artesanato da América latina ainda realizada em Recife pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Esportes e Agência de Desenvolvimento Econômico.

Não demorou muito para que variações fossem surgindo, além das louças e barcaças. Carrancas cinzeiros, com três faces, vasos, cabeças de Cristo, moringas com corpo de gente, figuras indígenas feitas em jarro, jardineiras e as famosas figuras verticais, metade humanas e metade animalescas que trouxeram consigo uma promessa. Se José Vicente não mais precisasse pedir esmolas para auxiliar no sustento da família, Ana "furaria" os olhos de todas suas peças em barro. Essa homenagem acompanhou, a partir de então, toda a vida de Ana, assim como a participação de José no árduo processo de preparação do barro, desde a coleta do barro bruto, seco na beira do rio, até as etapas de amassar o barro e deixa-lo a ponto de ser modelado. No clássico livro, "O Reinado da Lua: escultores populares do nordeste", publicado no ano de 1980, as autoras comentam sobre as carrancas de Ana:

"Na realidade, suas carrancas guardam muito pouco ou quase nada das carrancas tradicionais: desde o material empregado (o barro) até as formas, ditadas também pela própria matéria-prima, que não permite o mesmo tipo de esculturação e efeito da madeira, material utilizado nas carrancas antigas. Dessas, as de Ana retêm apenas a ideia mais geral da representação de figuras imaginárias, fantásticas, espantosa, misto de animal e ser humano." (COIMBRA; MARTINS; DUARTE, 1980, pg 93)

Nas mais recentes carrancas de Ana, o barro de densidade controlada adquire após a queima um tom castanho, moreno. A superfície homogênea da face permite que percebamos as sutis marcas digitais e as delicadas curvas e saliências provenientes do movimento dos dedos sobre a matéria ainda flexível. A cabeleira áspera, realizada com auxílio de pontas, é fruto de gestos repetitivos e agressivos sobre a peça já modelada. Esta textura contorna a cara e a unifica a base do objeto. Este apoio ao solo reforça a verticalidade da figura e seu olhar melancólico e profundo em direção ao horizonte. Os olhos amendoados, com seus característicos furos humanizam a besta de narina longa e boca canina. As proporções das carrancas variam conforme as centenas de repetições. Cabeças grandes modulam-se por entre vasos de três faces, peças individuais com mais de um metro de altura e outras pequenas, do tamanho de souvenires. Mas em todas encontramos a presença do olhar distante, como a mirar o Velho Chico.

No final da década de 1990, Ana das Carrancas recebe inúmeras homenagens e troféus, dentre eles: Troféu Artesão SINDARPE, Sindicato dos Artesãos de Pernambuco, Troféu Associação dos Artífices de Petrolina ambos em 1994; Troféu Mulher Destaque Petrolina e Troféu Construtores da Cultura – Prefeitura da Cidade do Recife, em 1995. Homenagem Trabalhadores em Educação de Pernambuco – SINTEP, em 1998.

Em setembro de 2000, Ana das Carrancas conquista o título de cidadã petrolinense. Neste mesmo ano é inaugurado o Centro de Arte Ana das Carrancas, composto por um memorial, uma loja, um ateliê com atividades socioeducativas e um espaço expositivo. O núcleo apresenta a trajetória da artista, inclusive uma das carrancas mais antigas, de 1963. Este local se tornou um dos principais pontos turísticos de Petrolina.

Em 2002 foi realizado no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, a Semana de Cultura Contemporânea, sendo Ana das Carrancas uma das convidadas. Esta mostra reuniu artistas contemporâneos e artesãos tais como Caio Reisewitz (1967), Giancarlo Lorenci (1966), Rachel Rosalen (1971). Atualmente suas peças podem ser encontradas em coleções particulares e museus no Brasil e no exterior. Em 2005, Ana recebe a Ordem do Mérito Cultural das mãos do então presidente Lula e do ministro da cultura Gilberto Gil. O reconhecimento do trabalho artístico de Ana das Carrancas pelo Governo do Estado veio um ano após, sendo a artista uma das primeiras personalidades a receber o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco que corresponde a uma bolsa vitalícia no valor de R$ 750,00 reais juntamente com os ceramistas Manuel Eudócio (1931), Nuca (1937-2014), Zé do Carmo (1933), entre outros artistas do Estado.

Após um curto período de inatividade, devido a um acidente vascular cerebral, Ana das Carrancas falece em Petrolina no dia 01 de outubro de 2008, aos 85 anos, vítima de uma parada cardíaca. Hoje, seu nome figura em ruas, espaços públicos, galerias e escolas. Ana das Carrancas é celebrada como "A Dama do Barro".

Referências:

COIMBRA, Silvia Rodrigues; **MARTINS**, Flávia; DUARTE, Maria **Leticia**. O reinado da lua: escultores populares do nordeste. Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1980. 305 p.

AMORIM, Maria Alice. Patrimônios Vivos de Pernambuco. Recife: FUNDARPE, 2010. 116 p

Centro de Cultura Ana das Carrancas: http://anadascarrancas.wordpress.com/ana-das-carrancas/ > Acessado em 07 de janeiro de 2016.

Crédito das imagens: Centro de Cultura Ana das Carrancas
https://anadascarrancas.wordpress.com/ana-das-carrancas/> Acessado em 25 de novembro 2015